

EXCURSÕES DE TURISMO

NA REGIÃO DO VOUGA

AVEIRO

A antiga vila e hoje cidade de Aveiro encontra-se situada a 40.°38' latitude N. e 0.°28' longitude O., a 7 kilometros da foz do Vouga, na margem da grande e pitoresca ria que se estende desde Ovar até Mira, quasi a igual distancia dos rios Douro e Mondego, a 45 kilometros do Porto e a 245 de Lisboa. É banhada por diversos braços em que se ramifica o rio Vouga. O chamado canal do Espinheiro segue a direcção de N. O. para S. O. e liga-se, no sitio denominado Duas Aguas, com o canal chamado da Cidade, o qual se estende para O. ao longo do local que tem o nome de Quadro da Alfandega. A parte da cidade que fica entre esses dois canaes é atravessada por um esteiro, que os comunica entre si e se chama Esteiro dos Frades. Em frente da cidade acha-se a ilha de Monte Farinha, banhada de um lado pelo canal do Espinheiro e do outro pelo canal de S. Jacintho. As duas partes da cidade cortadas pelo esteiro dos Frades chamam-se ilha do Poço e ilha de Sama; e ao sul do Quadro da Alfandega ha uma pequena lagôa designada pelo nome de lago do Paraíso.

Notas historicas

For cidade importantissima e muito comercial no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Talabrica*, do nome primitivo *Talabriga*, pois diz a tradição haver sido fundada por Brigo, chefe turdulo, em 205, antes da era christã. Em 362, antes da mesma rea, os celtas e os turdetanos invadiram e ampliaram *Talabrica*, fundando *Eminio* (hoje Agueda) *Lameca*, (hoje Lamego) e *Contimbriga* (hoje Coimbra). No reinado de Marco Au-

relío, em 1152, os mauritanos invadiram *Talabrica*, por mar, saquearam-na e incendiaram-na, reedificando-se mais tarde com o auxilio dos romanos.

Não se sabe ao certo quando *Talabrica* deixou este nome para tomar o de Aveiro, só se sabendo e comprovando que já assim era designada



AVEIRO — Monumento a José Esteves

no tempo do conde D. Henrique. O nome actual tem sido objecto de não poucas controversias, querendo uns que Aveiro seja corrupção do latim *Aviarius*, pelas muitas aves ali existentes, passando a chamar-se *Ave-rium*; pretendendo outros que a actual denominação lhe fosse dada pelos normandos ou gascões, chamando-lhe

Aviron (rêmo) sendo também considerada verosimil a opinião de que pela sua semelhança topographica com a *Aveyron* francesa, tal nome lhe fosse imposto pelos normandos.

Na sua *Linguagem Portuguesa*, Fernão d'Oliveira dá como certo que o nome actual vem de, antigamente, ali residir um caçador de aves, por esse motivo designado *aveiro*, ao que não falta quem não ache sequer visos de verosimilhança. No *Lexicon Geographico* da-lhe Brundant o nome de Lavare antigo, sendo o moderno uma corrupção d'aquelle.

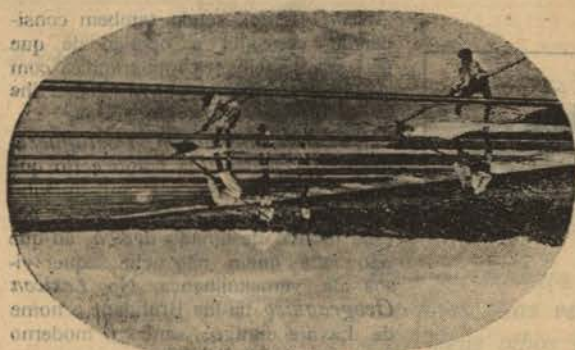
Em 1760 da nossa era, foi elevada por D. José á cathogoria de cidade, sendo-lhe mudado o nome para *Nova Bragança*, por ser odiado na corte o nome que tinha, visto o duque de Aveiro haver sido um dos auctores do atentado contra a vida d'aquelle monarcha. Por morte de D. José, a rainha D. Maria I determinou que a cidade voltasse a chamar-se Aveiro.

Os monarchas antigos concederam a Aveiro muitos e grandes privilegios. D. Diniz dispoz que os seus habitantes fossem isentos de um determinado tributo, e que não pudessem ser presos por culpas leves. D. Duarte mandou que durante a feira chamada de Março, (ainda hoje ali muito importante) se não pudessem prender nenhum criminoso, que lá apparecesse a comprar ou a vender, salvo se n'essa feira praticasse algum novo crime; bem como que na mesma feira qualquer pessoa não pudessem ser citada por dividas anteriores. D. Pedro, quando regente, determinou que nenhum fidalgo ou pessoa poderosa residisse na povoação por mais de quatro dias sem que expressamente o auctorissem os moradores. Além d'estes privilegios, que ficam inumerados por nos parecerem assaz curiosos, muitos outros possuem os aveirenses, os quaes se tornaria fastidioso descrever.

Com as continuas guerras dos culos VIII, IX, X e XI tornou-se Aveiro inhabitavel, não só por servir frequentemente de campo de batalha, como pelas porfiadas invasões dos agarenos, ás quaes estava sujeita pelo mar. Abandonada pelos habitantes, cahiu em ruinas, ficando quasi sem moradores até ao século XV, que foi quando o regente D. Pedro a fez reconstruir e cercar de muralhas, mandando-a povoar de novo para o lado do Sul.

A barra d'Aveiro

Em tempos remotos a barra ficava perto do logar da Vagueira; depois aproximou-se de Mira, e por



AVEIRO—Salinas

Muito tempo variou de lugar na costa, entre esta povoação e Aveiro. No pavoroso inverno de 1575 entulhou-se a barra, de tal modo, que nem a um simples hiato dava livre passagem. Os campos tornaram-se então alagadiços e estereis; a produção das marinhas diminuiu consideravelmente e quasi cessou a pescaria. A cidade tornou-se insalubre por causa da estagnação das águas, e por isso a abandonou a maior parte da sua população. Até essa epocha os campos de Aveiro produziam 30.000 moios de trigo, e as suas marinhas 16.000 moios de sal.

Fizeram-se obras importantes, a primeira das quaes ficou concluída em 1808, e já em 13 de Março de 1809 a barra deu entrada aos quarenta navios de vela, que transportaram as munições para o exercito inglez. Em 1838 abriu o mar uma nova barra ao S. da chamada Barra Nova. Mudou-se depois o leito do Vouga com o fim de reduzir o trajecto das águas, encaminhando-o pelo canal do Espinheiro para mais facilmente se dirigir á barra, e fizeram-se varias obras para o encanamento dos rios Agueda e Certima. Em 1863 obstruiu-se a barra da Vagueira, do que resultou grande vantagem para as condições do canal, deixando de haver, entre Aveiro e Mira, comunicação com o mar. Onde fôra outrora a barra chamada da Vagueira, ha hoje uma praia de banhos.

Desde então tem-se realisado constantemente, embora com mais ou menos incremento, obras importantes na barra de Aveiro, de modo a melhorá-la tanto quanto possível.

A barra acha-se em comunicação com a cidade por meio de uma bella estrada, de 7 kilometros de extensão, que segue pelas terras da Gafanha, atravessando o canal de Ilhavo n'uma ponte, também da Gafanha chamada. E' um dos mais interessantes passeios para o turista avido de sensações agradáveis e de horisontes pittorescos.

O canal que do sitio chamado das

Duas Águas segue até á barra, apresenta diferentes profundidades, não excedendo a 10 metros em frente do antigo forte da mesma barra, situado na praia do S., não tendo hoje valor militar algum, pois é uma simples bateria de peças antigas, que apenas servem para salvas e para dar signal aos navios quando ha perigo em demandar a entrada do

porto.

Ao N. da barra, na chamada costa



AVEIRO—Ermita de Nossa Senhora das Areias

de S. Jacintho, praia de banhos afamada em toda a região, fica a ermita de Nossa Senhora das Areias. Ao

norte e ao sul d'essa ermita foram erguidas duas pyramides, que são visíveis do mar a 16 kilometros de distancia.

A ria e o caes

A ria de Aveiro é um grande agredado de águas salgadas, em cujo leito ha mais de 500 marinhas de sal e grande numero de pequenas ilhas, de um aspecto sobremodo pitoresco. N'essas águas navegam constantemente mais de 3.000 barcos característicos, e o valor dos seus productos é calculado em cerca de escudos 400.000 anuaes, ou sejam 400 contos da antiga moeda. O braço d'essa ria, que corta a cidade em dois bairros distintos, é ladeado de um belo caes de pedra de cantaria, e atravessado por duas pontes, que ligam em diversos logares aquellas duas partes da cidade. Uma d'essas pontes fica mesmo em frente da Praça do Comercio, onde está o antigo pelourinho de Aveiro. N'esta ria ou esteiro entram e sahem diariamente dezenas e dezenas de barcos, carregando e descarregando diversas mercadorias para o commercio e consumo da cidade.

Da ria partem mais dois braços, um que segue para Ilhavo, Vagos e outras localidades da zona aveirense, e outro que comunica com o canal chamado de S. Roque, ao longo do qual segue uma formosa estrada de rodagem.

A ria de Aveiro é acessível ás marés em quasi toda a sua extensão. Os seus quatro braços principaes são: a ria de Ovar, que corre paralela ás costas da duna de S. Jacintho, Torreira e Furadouro, até Ovar; a ria de Mira ao S. d'aquella, correndo também paralela á costa e comunicando a lagôa de Mira com o mar; a ria de Vagos, á qual já aludimos, paralela á esta ultima e prolongando-se a E. do areal da Gafanha até á povoação que lhe



AVEIRO

dá o nome; e finalmente o canal da cidade propriamente dito, que banha Aveiro a O. S. e E.

Sustenta esta ria trez industrias importantissimas: a do fabrico do sal, a da apanha do *molico*, e a da pesca, cujo rendimento anual aproximado já referimos anteriormente. Na sua maior parte, o fundo da ria é constituído por plantas aquaticas, cujo crescimento e propagação são admiraveis. A apanha d'essas plantas a que se chama *molico*, e que ocupa grande numero de pessoas, faz-se nos mezes de Junho a Dezembro, calculando-se em mais de 100.000 as cargas d'esse producto, que são vendidas aos lavradores para adubo das terras, dando um rendimento importantissimo.

A parte inundada, que fórma a ria,

é avaliada em 8.000 hectares; os terrenos cultivados e productivos em 12.800; os areaes e dunas em 26.000; e os terrenos alternadamente cobertos e descobertos, onde estão estabelecidas as marinhas, em 3.000.

A ria de Aveiro, deslizando pelo meio da cidade, deu motivo a que a interessante povoação fosse cognominada de Veneza luzitana, cognome de que muito se ufanam os seus naturaes.

Um passeio pela ria, em qualquer dos barcos especiaes a isso destinados, que embora nada tenham de semelhante com as gondolas venezianas, são muito interessantes, é de veras recomendavel, e de molde a deixar ao turista as mais gratas recordações.

Aveiro é servida pela linha do Norte, tendo estação propria.

que, estancia que se impõe até, simplesmente, para curas de repouso.

E' preciso, tambem, ter em conta o movimento dos alemtejanos sobre as praias algarvias.

Torna-se, pois, urgente, a realisação d'esse melhoramento nos caminhos de ferro do Sul e Sueste e, certamente, a respectiva direcção não deixará de estudar a fórma da realisação immediata d'um serviço que, se muito vem beneficiar o publico, não menor beneficios materiaes ha de trazer para essa rede.

Um comboio rapido diario para o Algarve, é um serviço que se impõe como da mais absoluta necessidade; por isso esperamos, dentro em breve, poder annunciar-o ao publico.

As comunicações com as Beiras

Por motivo da circulações diaria dos rapidos entre Lisboa e Porto, a Companhia da Beira Alta vae estabelecer, tambem, a circulação diaria do seu comboio n.º 3, a fim de dar immediato seguimento para as estações da Beira, até á Guarda, aos passageiros que de Lisboa para ali seguirem por aqueles rapidos.

E' este um melhoramento de capital importancia para as duas Beiras; e a não sobrevir qualquer imperioso obstaculo como seja a escassez do combustivel, sabemos que aquella Companhia pensa em tomar, tambem, rapido o mesmo comboio n.º 3, assegurando por ele as ligações internacionaes, com a importantissima economia de onze horas no trajecto de Lisboa a Paris, que é muito apreciavel.

Se esse empreendimento fôr realiado, certamente que a Companhia da Beira Alta encontrará a compensação no grande numero de passageiros internacionaes que procurarão a via Pampilhosa — Vilar Formoso — Salamanca — Medina, não só pela mais curta duração do trajecto como por ser o mais economico.

E' muito para animar o proseguimento d'essa idéa, que merece os maiores louvores e cujos resultados praticos se affirmarão por maneira incontestavel.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.

SERVIÇOS FERROVIARIOS

Comboios directos, diarios entre Lisboa e Porto

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, tendo sempre em vista atender quanto possivel ás necessidades do publico, resolveu tornar diarios, a partir de 23 do corrente, os comboios directos entre Lisboa e Porto (e as suas ligações para a Figueira e para Coimbra), que até agora circulavam apenas trez vezes por semana.

E' evidente o beneficio que esta medida representa para o publico, na quadra do ano que vamos atravessando, em que o movimento de passageiros, entre o norte e o sul do paiz, mais se intensifica.

E' evidente tambem a boa vontade com que, não obstante a recente e extraordinaria subida do preço do carvão e a extrema dificuldade em o obter, mesmo por elevado preço, a Companhia procura, atravez de todos os sacrificios de despesas e de trabalhos, melhorar quanto pode os seus serviços, no intuito unico de bem servir o publico.

Este serviço é mantido sem limite salvo o caso de, por circumstancias imprevistas, o fornecimento do combustivel se reduzir, o que obrigaria aquella Companhia a restringir novamente ou mesmo a suspender a circulação de taes comboios.

Como complemento d'esta melhoria de serviço de comboios, a Companhia dos Caminhos de Ferro pensa tambem em prolongar até Alfaias e Figueira, a partir de uma data pro-

xima, que brevemente se annunciará, os comboios n.ºs 202 e 207, que actualmente circulam entre Lisboa e Caldas.

A marcha d'estes comboios, assim prolongada, está sendo estudada por fórma a darem ligação em Alfaias com os comboios correios que circulam pela linha do norte entre Lisboa e Porto.

Vêmos d'esta maneira realisada a indicação preconizada em um dos nossos anteriores numeros, com o que muito nos regozijamos, visto que assim não só as duas mais importantes cidades do Paiz ficam facilmente ligadas, mas, especialmente, as praias e thermas portuguezas podem contar com um comodo meio d'acesso, o que na presente quadra representa um importante beneficio.

As comunicações com o Sul

Ficando assim melhoradas as comunicações com o Norte do Paiz, indispensable é tambem que o Sul não seja relegado para uma condição secundaria. Além do movimento comercial e industrial que, pela sua grande intensificação, exige uma maior facilidade de transportes entre a Capital e os seus diferentes e ricos centros de produção, ha que atender, tambem, ás exigencias e comodidades dos que desejem aproveitar esta quadra do ano para, em digressão, conhecerem as belas e ricas provincias alemtejana e algarvia e, ainda, ás necessidades dos que sejam obrigados a tratamento pelas valiosas aguas do Alemtejo, d'entre as quaes se destacam as de Moura, como nas Caldas de Monchi-